

O salto dos orgânicos

Os orgânicos - obtidos sem o uso de agrotóxicos, antibióticos ou hormônios, respeitando o meio ambiente e priorizando o bem-estar social e das pessoas - já são produzidos por cerca de 1.800 famílias ligadas a 60 entidades em SC **p. 10**

Foto: sxc.hu



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal

Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Junho de 2009 - N° 401

A pós-graduação a caminho da excelência

Embora apareça entre as instituições que lideram o *ranking* da pós-graduação no País, a UFSC não está acomodada e passa a priorizar a evolução qualitativa dos mestrados e doutorados com avaliação insatisfatória.

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação quer ao mesmo tempo consolidar as áreas de excelência, como o Direito, a Engenharia Elétrica, a Engenharia Mecânica, a Farmacologia e a Química.

p. 6 e 7



Foto: Paulo Noronha/Agex.com

Laboratório do Programa de Pós-graduação em Química da UFSC, que goza de conceito máximo (7)

Expansão

Reitor assenta tijolo em Curitibanos
p. 10

Leitura

Portal oferece literatura catarinense
p. 8

Paz & música

UFSCtok para o calendário
p. 3

Libras

Pioneirismo na educação inclusiva
p. 4

Ouvidoria

Há 13 anos escutando desabafos e ideias
p. 9

Do Editor

Sabedoria, literatura e justiça

"Sob a ditadura do Capital é impossível a democratização da comunicação".

(Danilo Carneiro, membro do Grupo Tortura Nunca Mais, no *Papel Jornal*, do Sindicato dos Jornalistas de SC)

Como diria o jornalista Élio Gaspari, entre mandingas, macumbas e urucubacas, apóstolos do apocalipse e aprendizes de Nostradamus assumiram a condição de aves de mau agouro, anunciando o fracasso "antecipado" da interiorização da UFSC e da implantação das ações afirmativas para oriundos de escolas públicas, negros e índios. Em Santa Catarina, o preconceito e a discriminação acabaram encampados por escolas particulares, empresários, representantes das elites conservadoras e até, pasmem, por procuradores da República e mídia.

Na Justiça, felizmente, vem prevalecendo a coerência e o bom senso. (Ela, a Justiça, tarda, mas nem sempre falha). A postura isenta de injunções políticas e ideológicas tem permitido, mesmo que a duras penas, a implantação dos campi da UFSC em Joinville, Curitiba e Araranguá. Em Joinville, o Ministério Público Federal postulou mudar o Campus e suspender o Vestibular Suplementar. O juiz Cláudio Marcelo Schiessl foi cirúrgico. Socorreu-se até de Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*: "pão ou pães é questão de opiniões". A UFSC goza de autonomia constitucional e legítima suas decisões respaldada no Conselho Universitário.

Em relação à política de Estado das cotas, a UFSC tem derrubado, sob efeito dominó, as liminares contrárias. Essa conquista dos pobres não tem volta. "Igualdade não se exige entre desiguais", observa o reitor Alvaro Prata.

Mandingas e urucubacas à parte, as universidades já formaram dez mil cotistas em cinco anos no País e os dados derrubam os apóstolos racistas do capital revelando que esses "pobres miseráveis" fazem melhor a lição de casa e fogem menos da universidade. Ou seja, desempenham acima da maioria. Aproveitam, portanto, a oportunidade como sendo a chance da vida. "Vida, aprendizado sem conclusão de curso", escreveu Carlos Drummond de Andrade.

Os juízes, humanos, não são burros. Eles estudam, leem e pensam. A sentença do juiz Schiessl confirma, portanto, o preparo da Justiça. "Prova inequívoca das alegações, então, nem se fala. Se como diz o personagem Bentinho de Machado de Assis, "...verossimilhança... é muita vez toda a verdade.", verdade nos autos não há que autorize o provimento antecipatório pleiteado pelo Ministério Público Federal", sustenta.

Sabedoria e literatura podem rimar com justiça!



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Oportunidade ímpar. A universidade é extremamente conservadora. A mudança pode começar com os cursos inovadores oferecidos pelos campi de Joinville, Araranguá e Curitiba.

Espertas. Livraria da EdUFSC no Convivência tem notado especial interesse masculino pelo livro *Queda que as mulheres têm para os tolos*, de Victor Hénau, traduzido (!) por Machado de Assis. Talvez Mario Puzo explique o fenômeno em *Os tolos morrem antes*.

Furões. A UFRGS está intensificando campanha contra o "furo" no RU. A ideia é evitar que os comensais desrespeitem a ordem de chegada na fila. Aqui o cara faz isso sem ficar vermelho...

Definição de barulho. Por causa do espocar dos foguetes soltos por torcedores, Mario Quintana dizia que "o domingo é um cachorro debaixo da cama"! Assinou assim uma dedicatória ao poeta Alcides Buss.

Constatação. Com carne moída diminuem as filas no RU.

Apelo à inteligência. Todo santo dia o almoço do RU é embalado ao som de "popozuda", "créu", linguça e cerveja. Sugere-se menos poluição sonora e mais criatividade visual.

Cacofonia. No jornalismo é necessário ser preciso. Esse cuidado eu tomei em 1978. Mas, ao ouvir de madrugada a manchete no rádio, percebi que o título não soava bem: "Diarreia ataca gado no Rio Grande do Sul"...

Comunicação. O Brasil, segundo informa o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), possui 627 cursos de Comunicação, 371 deles, a exemplo da UFSC, com habilitação em Jornalismo. Hoje o País conta com 7.954 jornalistas empregados. Agora falta contar os desempregados...

Melhores do que nós. Pesquisadores alemães provaram que chimpanzés são generosos, demonstrando "altruísmo sem nepotismo".

Sem ofender. Os melhores advogados para a absolvição do governador foram os ministros do Supremo e os juristas da parte reclamante.

Agudas. As deliciosas crônicas de Paulo Clóvis Schmitz, da equipe da Agecom, podem ser lidas todas as terças-feiras no *Notícias do Dia*. Esse espaço era ocupado anteriormente por Ivan Panchiniak, da EdUFSC, falecido prematuramente

Dedo de prosa. Tornada optativa na UFSC, Literatura Catarinense assumirá a condição de disciplina obrigatória na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). A boa-nova foi antecipada pelo professor Dilvo Ristoff como "um passo importante rumo à consolidação de uma identidade literária catarinense".



"A Universidade também ensina o que já se sabe"
(Carlos Drummond de Andrade)

"Gostinho de sal". Escritor catarinense mais incluído no Vestibular da UFSC, Cristóvão Tezza teve seu *Aventuras Provisórias* recolhido pela Secretaria de Estado da Educação por causa de trechos eróticos, considerados impróprios para alunos de 15 anos. O premiado escritor mora em Curitiba.

Livraria à altura. Na comemoração dos seus 20 anos de história, a Livros & Livros deu um belo presente à comunidade universitária: abriu uma super loja no Centro de Cultura e Eventos. Embora ainda não oficialmente inaugurada, a livraria já funciona de vento em popa com descontos de 20%.

Nobel. O escritor Salim Miguel pulou todas as cercas da aldeia. No dia 23 de julho o ex-diretor da EdUFSC recebe o *Prêmio Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras. *Zaffari-Bourbon* e *Juca Pato* são outras distinções importantes abocanhadas pelo autor.

Pelas bordas. Reitor Alvaro Prata foi eleito para suplente de segundo vice-presidente da Andifes. Enquanto isso, cuida de arrumar a casa.

Frase

Uma Universidade de excelência só se faz com uma pós-graduação de excelência (Maria Lúcia de Barros Camargo, pró-reitora de Pós-Graduação, durante o 2º Ciclo de Planejamento da UFSC, realizado no dia 06/06)

Expediente

Elaborado pela Agecom -

Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Andréia Compagnoni Lubini (Bolsista)
Celita Campos (Jornalista)
Erich Casagrande (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Júlio Ettore do Nascimento (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Paulo da Rocha Azevedo (Bolsista)
Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)
Divisão de Gestão e Expediente:
João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jojafa Comunicação e Marketing Ltda

Memória

José João Machado - Xuxu

Na Agecom fazia as voltas e distribuía o *Jornal Universitário*. Aposentado, José João Machado, o Xuxu, morreu aos 53 anos de falência múltipla de órgãos. Deixou esposa, dois filhos e mãe inconformada. Xuxu não se cuidava. Trabalhou em vários setores antes de aterrissar na agência. Mané, folclórico e amigo, Xuxu era mestre na informação informal. A Reitoria, sensibilizada, trocou, em 1996, o carrinho de mão por uma bicicleta verde zero quilômetro para acelerar a circulação do *JU*. Perdido na Praça da Cidadania, Xuxu perguntou: "Me ajuda. Eu estou indo ou estou voltando?"

Xuxu é uma história. Dá uma enciclopédia.



Foto: Jones Bastos/Agecom

UFSCtock: show de civilidade

Após mais de 20 horas de festival, com muita música, lama e diversão, tudo o que um bom festival de rock tem direito, anunciamos orgulhosamente que o evento foi um grande sucesso. Todos os envolvidos - organizadores, músicos e público - deram um show de cidadania e coletividade. Não houve um único caso de violência ou vandalismo, todas as diferentes tribos do rock

curtiram juntas, demonstrando um louvável respeito à diversidade e provando que o jovem de hoje não é um delinquente como algumas pessoas fazem questão de difamar, mas sim um sujeito sedento por cultura, que sente falta de oportunidades para concretizar a sua energia criativa.

Juventude politizada sim! A proposta do evento vem na contramão das políticas de arte e cultura praticadas atualmente no país, onde quem tem dinheiro tem acesso mais amplo à espetáculos, peças teatrais, museus, livros, cinemas etc. O sistema atual de fomento à cultura acaba favorecendo um padrão cultural que não valoriza o cenário fervilhante da arte popular, da

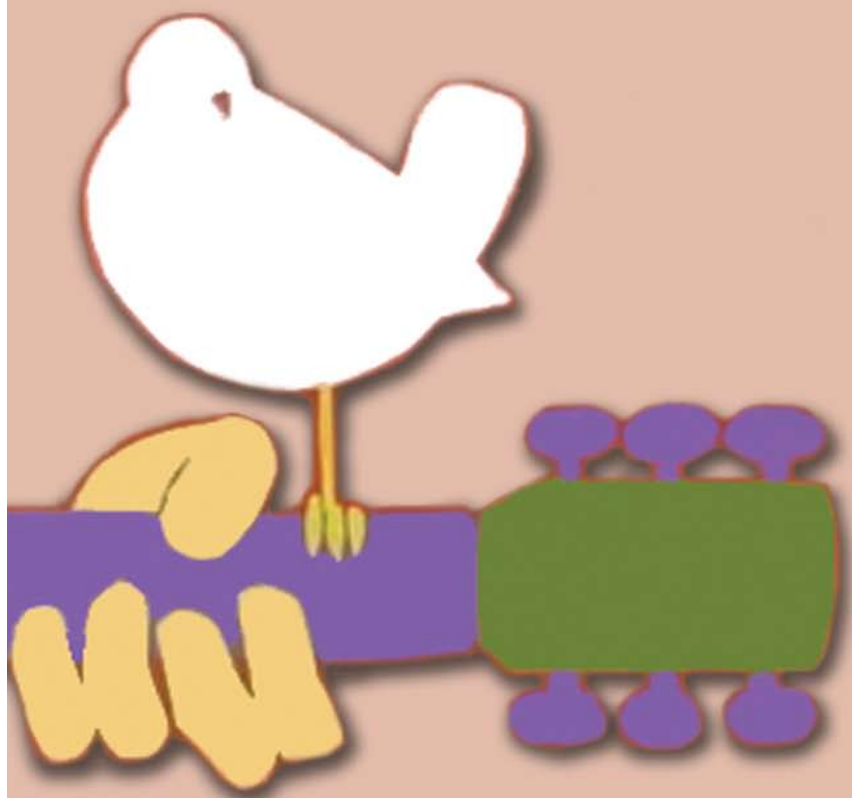
arte jovem e da arte urbana. Assim, buscou-se incentivar principalmente a arte e a cultura local, compreendendo que o fazer artístico, e não somente o seu mero consumo, aumenta a visibilidade do jovem sobre os valores e questões de seu tempo.

As bandas foram as verdadeiras estrelas do evento. Todas elas com músicas próprias de excelente qualidade e com uma energia de palco que poucos artistas profissionais demonstram em seus shows plastificados. Foi emocionante poder reunir todas elas e proporcionar o contato entre bandas e público. Florianópolis está muito atrás das outras capitais da região Sul no que se refere ao incentivo à cultura, e este déficit se intensifica quando se trata de apoio aos artistas independentes e políticas de cultura para um público que não se satisfaz com a arte pasteurizada da cultura de massa. Temos em nossa cidade uma escassez de espaços para a criação e exposição de trabalhos artísticos; as casas de shows têm uma política de elitizar seu público; os espaços públicos são mal aproveitados; e além das nossas belas praias nada temos para oferecer aos turistas que aqui aportam.

Esperamos que seja motivo de orgulho para toda a cidade presenciar um acontecimento como este, no qual os jovens se articulam entre si e tomam a iniciativa para criar o seu próprio espaço de cultura, diversão e política. Gostaríamos de provar, com o UFSCtock, que é possível organizar-se coletivamente com o objetivo de desenvolver projetos sociais e viabilizar a realização de nossos sonhos e a afirmação de nossas ideologias.

Gabriel Bueno

Coord. Arte e Cultura - DCE Luis Travassos - UFSC



Sobre pescar e pescar

Ato 1 – A obscuridade da sala é perturbada pelas luzes das telas do computador, do sonar e do radar. A mansidão do mar absolutamente escuro na noite sem lua, o ruído abafado do potente motor da traineira e os bips das telas compõem um quadro de espera.

Todas as informações são processadas e apenas um homem na cabine de comando controla tudo, enquanto a pequena tripulação dorme, no conforto da cabine. O curso computadorizado leva o barco diretamente a um ponto transmitido por satélite: uma mancha escura e móvel está sendo captada pelo sonar. As gruas põem na água as redes que, puxadas pelos potentes motores, propiciarão a certeza de uma profícua pesca.

Ato 2 – O sol nascente, surgindo no horizonte, obriga o franzir dos olhos e a mão espalmada contra a testa. A responsabilidade de ver primeiro o cardume preenche a esperançosa cabeça do velho pescador. Tudo mudou ao longo dos últimos 40 anos, ou quase tudo; a forma de pescar tainha ainda é a mesma: avistar os peixes, dar o alarme, botar o barco n'água, remar o mais rapidamente possível, cercar os peixes com a rede pré-dobrada no barco e passar as próximas horas puxando, numa corrente humana, para a alegria ou a decepção.

Ato 3 – No confortável gabinete de Brasília é assinada a portaria ministerial que regulamenta a pesca da tainha: a atividade só pode ser realizada após o dia 15 de maio, tanto pelo pescador artesanal quanto pela grande empresa pesqueira.

Parece que acabamos por esquecer certas regras da natureza. Tratamos de forma igual situações tão diferentes e achamos que temos poder até sobre o tempo. A pesca artesanal da tainha, na praia dos Ingleses, em Florianópolis, sempre se iniciou com o primeiro cardume avistado, logo no início do mês de maio, e as tainhas que vêm da Lagoa dos Patos precisam estar a até 500 metros da praia para que os antigos consigam pegá-las.

Desculpem-me, mas se eu estiver na praia e avistar os pescadores puxando a rede antes do dia 15 de maio, eu vou ajudar.

Lucio José Botelho

Professor do Depto. de Saúde Pública e ex-reitor da UFSC

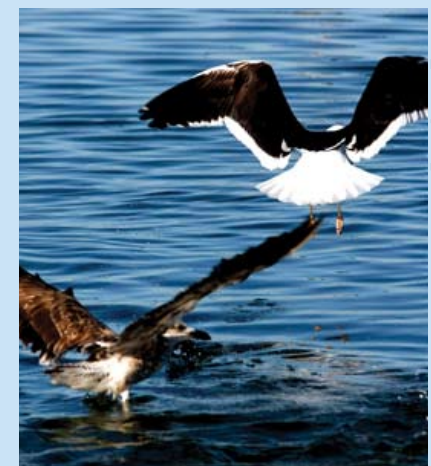


Foto: James Tavares

Cultura e Extensão

No Brasil, nos últimos anos, a economia da cultura avançou significativamente. Apesar de ainda apresentar dados longe do ideal em comparação com outros países no mesmo estágio de desenvolvimento, sinais de mudança são visíveis. Além disso, há uma maior democratização tanto na produção artística quanto ao acesso ao produto cultural, se é que podemos chamar assim. Evidências desse processo de crescimento podem ser observadas no Campus da UFSC: a dinamização do Departamento Artístico Cultural, a criação dos cursos de cinema e de teatro, a separação da área cultural da extensionista, com o surgimento da Secretaria de Arte e Cultura. Os desdobramentos dessas medidas vislumbram dias melhores para a área cultural na atual administração da UFSC. A área artística administrativamente sempre foi um

apêndice, muitas vezes incômodo, da área de extensão.

Presente no I Seminário Nacional de Cultura e Extensão, de 20 a 23 de maio, na bela São João Del Rei, pude constatar que a administração do professor Prata teve uma atitude inovadora ao criar a Secretaria de Arte e Cultura. Das inúmeras universidades federais existentes no Brasil, somente a de Santa Catarina e a de Juiz de Fora têm esse perfil. Evidentemente que, num fórum onde a prioridade é a cultura e no qual IFES enviam como representantes pró-reitores de extensão, essa medida nem sempre é bem-vinda. Pois há um sentimento menor de perda de poder. Implantada com restrições de alguns, a criação da SeCArte hoje é vista como um avanço mesmo pela Pró-Reitoria de Extensão e Pesquisa.

Essa pioneira reforma que deu mais autonomia para a área de cultura,

pouco a pouco, será imitada por outras universidades. Não quero dizer aqui que a área de extensão não é importante, pelo contrário, é importantíssima, nem que não se faça extensão no setor cultural. Deve-se fazer cada vez mais extensão cultural-artística. É importante também esse diálogo entre as duas áreas. Só quero mostrar que o crescimento da área cultural artística na economia mundial requer maior atenção dos administradores para esse setor em ampla expansão.

Isso apenas pensando economicamente a cultura, pois a economia é um setor que todo administrador deve entender, sem falar da importância da arte na vida de qualquer ser humano, o que requer sensibilidade. E foi o que o nosso reitor demonstrou.

Zeca Nunes Pires

Cineasta e diretor do DAC/UFSC

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Educação inclusiva

UFSC implanta graduação presencial para formar professores, tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Na faixa etária de zero a quatro anos, apenas 2,47% das crianças surdas estão matriculadas na creche. Entre zero e 14 anos, 86,28% estão fora da educação infantil e ensino fundamental. Na faixa de 15 a 17 anos, 96,15% dos jovens que não podem ouvir também não estão matriculados do ensino médio. Dados do IBGE e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) mostram também que somente 0,94% dos surdos entre 18 e 24 anos estão matriculados na universidade.

Os dados ressaltam a importância de iniciativas inclusivas, como a formação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), a linguagem gestual usada pela maioria dos surdos brasileiros e reconhecida por

lei. Pioneira na capacitação nesse campo, a UFSC oferece esse ano, pela primeira vez na modalidade presencial, cursos de graduação em licenciatura e em bacharelado em Letras-Libras.

É a primeira graduação presencial do país direcionada a formar professores, tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. Mas não é a primeira iniciativa da UFSC nesse campo. O trabalho com pessoas portadoras de problemas auditivos começou em 2002, com a oferta de uma disciplina sobre Libras no Curso de Pedagogia. Nessa época começaram também pesquisas sobre a educação de surdos.

A estruturação dos trabalhos e de equipes para o trabalho com essa população permitiu que em 2006 a UFSC implantasse o primeiro curso de licenciatura em Libras da América Latina, na modalidade a distância. Atualmente, com turmas que se iniciaram em 2006 e 2008, a UFSC capacita, por meio do ensino a distância, e em parceria com diversas instituições de ensino, 1.400 pessoas surdas em 15 estados, oferecendo tanto a licenciatura como o bacharelado em

Libras. A pesquisa também evoluiu. Foram desenvolvidas até 2008, nas pós-graduações em Educação e em Linguística, 14 dissertações e quatro teses - várias delas produzidas pelos próprios surdos.

Coordenadora geral do Curso de Letras-Libras, a professora Ronice Müller Quadros lembra que há um considerável o crescimento da demanda social por profissionais capacitados na língua de sinais brasileira. Essa necessidade é tanto uma resposta a ações de inclusão quanto a um conjunto de leis criadas nos últimos anos. Entre elas, a Lei de Libras, de 2002, que reconhece a língua da comunidade surda brasileira, e a Lei de Acessibilidade, de 2004, que dispõe sobre os direitos de acesso de pessoas com necessidades especiais (como é o caso dos surdos) aos serviços e produtos públicos e privados. Além disso, o decreto nº 5626, de 2005, define um prazo de cinco anos para que o currículo de todos os cursos de licenciatura ofereçam uma disciplina sobre a Língua Brasileira de Sinais, "para que os professores em formação pelo menos saibam o que é a Língua Brasileira de

Sinais e tenham condições de se organizar para lidar com o estudante surdo em sala de aula", explica a professora, que em 2002 iniciou suas atividades de ensino com disciplinas voltadas para a Educação de Surdos e Educação Especial.

Segundo Ronice, políticas públicas para a educação de surdos estão sendo estruturadas em vários estados brasileiros, buscando atender diretrizes nacionais para a educação especial. Santa Catarina, por exemplo, tem propostas de implantação de ambientes bilíngues (Português-Libras) em três escolas de educação básica, além de acompanhamento desse contexto com a participação de professores, estudantes, servidores e familiares.

"A política bilíngue é ambiciosa. Nossa cultura sempre priorizou o Português, e até mesmo a adoção de uma língua estrangeira ainda é complicada em muitas escolas. Nesse momento a legislação favorece a Língua Brasileira de Sinais. Na prática, a aplicação é um desafio", avalia a professora, que é filha de pais surdos.

Foto: sxc.hu

Surdez, softwares & cidadania

Livro aborda a aplicação de softwares na educação de pessoas surdas

Cláudia Schaun Reis
Jornalista na Agecom

"Fazer leitura e redação é muito difícil [...], o surdo tem experiência visual, e pro ouvinte é bem mais fácil aprender Português [...]. O surdo não, o surdo é diferente, a experiência dele é visual. As palavras, parece que falta o conceito das palavras. No português é som, e, para o surdo, é experiência visual". O depoimento da aluna surda faz parte da obra *A educação de surdos em uma perspectiva bilíngüe - Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas* (EdUFSC), e dá uma ideia de como funciona a assimilação da linguagem pelas pessoas que não ouvem.

A obra, organizada por Alejandro Garcia Ramirez e Mara Lúcia Masutti,

aborda o trabalho do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação de Surdos (NEPES) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET-SC), que, em parceria com a Univali, desenvolveu softwares utilizados na educação de surdos.

Vidomar Silva Filho, professor do CEFET-SC e doutorando em Linguística, acredita no poder multiplicador da obra. "A apresentação das bases teórico-filosóficas que orientaram o trabalho e a descrição dos recursos tecnológicos empregados certamente servirão para subsidiar iniciativas semelhantes - que são urgentes e muito bem-vindas".

Contatos: Mara Masutti: 9911 3092, ou com Alejandro Ramirez: ramirez@univali.br.

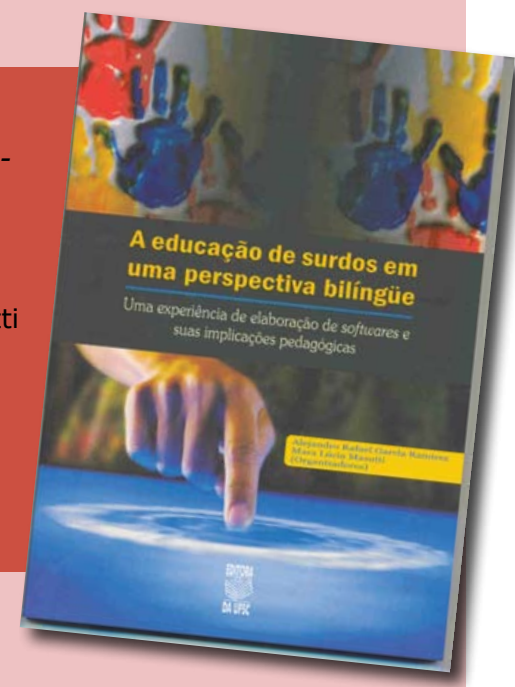
• *A educação de surdos em uma perspectiva bilíngüe - Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*

• Alejandro Rafael Garcia Ramirez e Mara Lúcia Masutti (organizadores)

• Editora da UFSC (EdUFSC)

• 101 páginas

• Preço: R\$ 14,00



Química essencial

Departamento de Química da UFSC foi contemplado com Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia na área de catálise; melhorar o aproveitamento da biodiversidade brasileira é uma das suas prioridades

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Campeão mundial em biodiversidade vegetal, o Brasil é também um dos principais produtores do mundo de óleos essenciais - fonte de matéria-prima para indústrias como a cosmética, a farmacêutica e a alimentícia. Mas o País exporta óleos essenciais de baixo custo e importa os manufaturados, de elevado valor agregado. Colaborar com a produção de conhecimento e tecnologias para reverter esse quadro é apenas uma das metas do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Catálise em Sistemas Moleculares e Nanoestruturados, uma das quatro propostas da UFSC aprovadas no Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia. O desafio é fazer avançar o conhecimento na área de catálise para diversas atividades industriais e de pesquisa no País.

O caso da indústria de aromas e fragrâncias (mercado que movimentou no mundo cerca de 12,3 bilhões de dólares anualmente) ilustra bem quanto o Brasil

perde atuando somente em uma parte da cadeia produtiva - a responsável pela produção de matérias-primas. "Óleos essenciais são exportados a um valor muito baixo e em grande volume. Após seu beneficiamento (é o caso do óleo de laranja, por exemplo) são importados pelo Brasil como mistura e/ou substâncias isoladas, a alto custo", lamenta o professor do Departamento de Química da UFSC Faruk Nome, líder da equipe que propôs ao CNPq e ao Ministério de Ciência e Tecnologia a criação do INCT de Catálise em Sistemas Moleculares e Nanoestruturados.

Na visão do grupo, amenizar essa discrepância na cadeia produtiva exige tecnologia para agregar maior valor à matéria-prima brasileira. E esse processo depende de conhecimentos avançados na área em que a equipe de professores e estudantes da UFSC vem trabalhando desde 1977. "A catálise representa uma forma econômica e ecologicamente atrativa de realizar transformações químicas dos compostos de origem natural, com objetivo de sintetizar produtos de maior

valor, importantes tanto para indústria farmacêutica quanto para a de aromas e fragrâncias", explica o professor.

Pesquisa em rede - O INCT de Catálise em Sistemas Moleculares e Nanoestruturados terá sua sede no Departamento de Química da UFSC, agregando o trabalho de 15 laboratórios. Receberá nos próximos três anos cerca de R\$ 4,7 milhões para o desenvolvimento de pesquisas e estruturação de uma rede nacional formada por mais de 350 membros dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Alagoas e do Distrito Federal. São pesquisadores seniores (líderes de grupos em diferentes universidades), mestrandos, doutorandos, pós-doutores e também estudantes de iniciação científica. Segundo o professor, essa estrutura vai viabilizar o avanço de uma área que depende de visão multidisciplinar.

"A pesquisa na área de catálise é muito promissora na solução de diversos problemas do mundo moderno, como a terapia genética, a obtenção de combus-

tíveis de fontes renováveis e de novos fármacos. A catálise tem contribuído significativamente em processos que visam ao desenvolvimento sustentável e à proteção ambiental, dentro do conceito de Química Verde", explica. "É através do esforço entre instituições que o Instituto vai colaborar com setores como petroquímica, plásticos, química fina e controle ambiental", reforça o pesquisador do Laboratório de Catálise e Fenômenos Interficiais, integrado ao Departamento de Química da UFSC.

Além de gerar conhecimento científico e tecnológico, o Instituto vai colaborar com a formação de recursos humanos. "Espera-se que 80 mestres e 90 doutores recebam seus diplomas nos cinco anos do projeto. Além disso, 150 alunos de iniciação científica devem concluir seus cursos de graduação atuando em diferentes laboratórios. Haverá ainda o treinamento de pós-doutorandos, que devem ser de aproximadamente 24 em cada ano", comemora o professor Faruk, desde 2000 membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

Fotos: Jones Bastos/ Agecom

A catálise tem contribuído significativamente em processos que visam ao desenvolvimento sustentável e à proteção ambiental, dentro do conceito de Química Verde



Na próxima edição: UFSC aprova Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia na área de refrigeração

Catálise

Catálise é um processo químico no qual ocorre aumento na velocidade da reação devido à adição de uma substância chamada catalisador - em síntese, é uma forma de fazer a reação acontecer mais rapidamente. Uma analogia possível é a travessia da Cordilheira dos Andes.

Há possibilidade de escolha entre duas opções: subir as altas montanhas ou passar pelos vales. Provavelmente se leva mais tempo subindo e descendo as altas montanhas, além de também gastar muita energia. Pelos vales será mais rápido, com menor dispêndio de energia. Passar pelos vales é uma forma de catálise para atravessar a Cordilheira. Os pesquisadores buscam formas de acelerar reações químicas importantes, que podem ter utilidade, por exemplo, na indústria. A importância da catálise foi evidenciada pela concessão dos Prêmios Nobel em Química para pesquisadores da área, em 2001 e 2005.

o caminho mais curto

Foto: sxc.hu



Foto: sxc.hu

Conquistas e desafios

Terapia Genética - Várias reações de catálise envolvidas em processos biológicos já foram estudadas e elucidadas pelo grupo da UFSC, que lidera o INCT de Catálise em Sistemas Moleculares e Nanoestruturados. Entre elas, reações envolvendo o DNA e RNA, moléculas importantes na conservação e transmissão da informação genética. Esses estudos podem colaborar com futuras aplicações da terapia genética, que prevê a inserção de genes nas células e tecidos para tratamento de doenças. Os estudos também buscam avanço científico em enzimas artificiais (são as enzimas que promovem a catálise). As pesquisas podem representar uma alternativa para a quimioterapia, por exemplo.

Gases de guerra - Na UFSC também já foram realizados estudos com moléculas análogas a gases de guerra, como o gás VX, usado em ataques terroristas. Foram pesquisadas formas eficientes de degradação de compostos dessa classe de moléculas, pois há um grande estoque mundial, de difícil decomposição.

Combustíveis de fontes renováveis - Na busca pela substituição de derivados de petróleo em motores do ciclo diesel, o biodiesel tem sido apontado em diversos países como a melhor alternativa. Mas as legislações dos países que estão introduzindo esse combustível estabelecem limites em função de problemas nos sistemas de injeção de motores, que aumentam a necessidade de manutenção e a vida útil de dos veículos. Estudos do INCT de Catálise em Sistemas Moleculares e Nanoestruturados vão investigar formas de alterar quimicamente o biodiesel de soja e melhorar suas propriedades.

Plásticos - Os materiais poliméricos são essenciais para a vida cotidiana. Atualmente, o consumo per capita de plásticos é utilizado como indicador do grau de desenvolvimento de uma sociedade. Entre os industriais, metade são poliolefinas, que podem ser produzidos usando catalisadores metálicos. Um dos desafios do Instituto será encontrar catalisadores que possam aprimorar as técnicas de produção dos plásticos.

Qualidade dita a evolução da pós-graduação

A prioridade da Pró-Reitoria de Pós-Graduação é elevar o patamar de qualidade dos cursos que carecem de melhor avaliação

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Com 56 mestrados e 42 doutorados, contemplando todos os seus 11 centros de ensino e a maioria dos cursos de graduação, a UFSC tem novos desafios no campo da pós-graduação. Atualmente, mais do que criar novos programas, ações para consolidar as áreas que já são bem avaliadas e elevar aquelas que ainda não chegaram a patamares de excelência, concentram os esforços da instituição.

"A correção de assimetrias e a evolução harmoniosa para patamares cada vez mais altos de qualidade estão entre nossos desafios", ressalta a pró-reitora de Pós-Graduação da UFSC, professora Maria Lúcia de Barros Camargo.

Avaliações - A pós-graduação brasileira é avaliada por comitês de área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). Há um acompanhamento anual e uma avaliação trienal de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-Graduação. Os resultados desse processo são expressos em notas na escala de 1 a 7 (veja no infográfico).

A última avaliação trienal foi realizada em 2007 - e a UFSC ficou entre as 20 instituições

melhor colocadas no ranking da pós-graduação. Entre os 50 programas da universidade avaliados na época, 75% receberam conceito 4 e 5 e 10% ficaram com conceito 6 e 7. Os 15% restantes ficaram com nota 3. As pós-graduações em Direito, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Farmacologia, com conceitos 6, e Química, com conceito 7, representam a UFSC no Programa de Excelência Acadêmica (Proex).

Em 2008, incluindo as conceituações emitidas para as novas áreas (agora são 57 programas), a UFSC ficou com um conceito médio de 4,35 - e computando apenas os doutorados, passa a 4,64. "Temos uma boa média em nível nacional, mas também temos bastante espaço para evoluir qualitativamente e nos colocamos a meta de atingir médias de avaliação mais próximas de 5", informa a professora Maria Lúcia, que desde 2008 divide suas pesquisas no campo da teoria literária com o comando da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC.

Partida conceituada - Um dado importante é que a UFSC tem aprovado novos programas já com bons conceitos. Em 2009, por exemplo, começou o doutorado em Estudos da Tradução com conceito 5. Os outros cursos

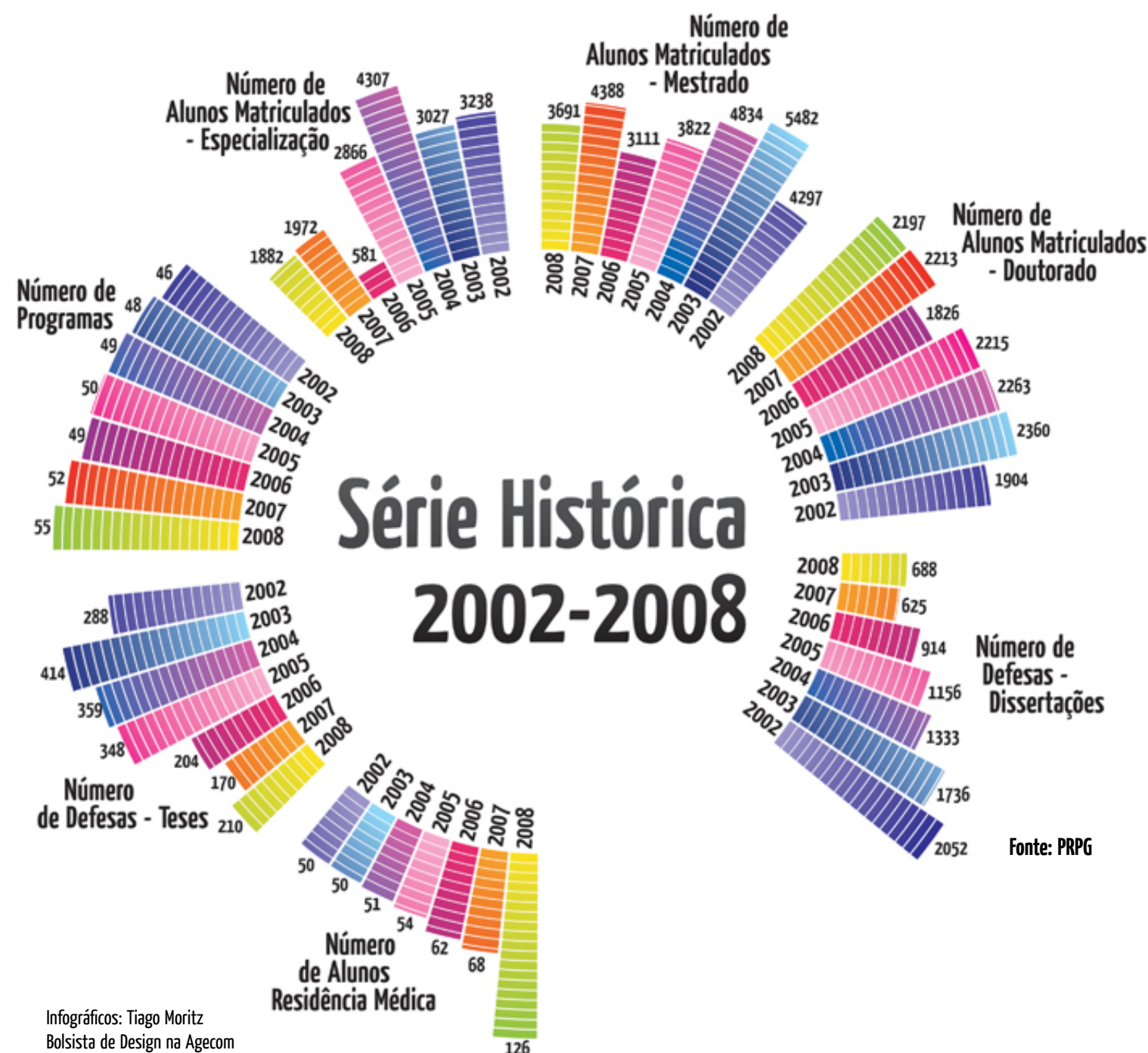
recomendados em 2008, e que estão sendo implementados em 2009 - Multicêntrico em Ciências Fisiológicas (Mestrado e Doutorado); Biologia Celular e do Desenvolvimento (M e D) e Saúde Pública (D) - iniciam com conceito 4. Os programas recomendados em 2007 e implementados em 2008 também nasceram acima do ponto de partida mínimo, que é a nota três: Administração (D); Bioquímica (M e D); Ciências Médicas (M e D) e Ecologia (M) foram implantados com nota 4.

Visão institucional - Diante desse cenário, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação concentra esforços na elevação da qualidade de cursos que têm conceito três. Estão nesse patamar Agroecossistemas; Biologia Vegetal; Ciência da Computação; Engenharia de Produção; Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade; Ciência da Informação; Design e Expressão Gráfica; Jornalismo; Nutrição e Ciências Contábeis.

Há também um olhar cuidadoso sobre as áreas que ainda apresentam assimetrias. É na de Sociais Aplicadas que se concentra o maior percentual de conceitos 3 - e também o maior número de programas apenas com cursos de mestrado. A exceção da Pós-Graduação em Direito, que é programa de excelência, com conceito 6, a nota máxima nessa área é o 4.

Para trabalhar estes desafios, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação vem realizando reuniões periódicas com coordenadores, especialmente dos cursos nota 3, auxiliando nas auto-avaliações e no estabelecimento de estratégias para elevar sua qualidade. Com autonomia para gerenciar parte dos recursos encaminhados pela Capes por meio do PROF (Programa de Fomento à Pós-Graduação), a pró-reitoria vem também priorizando apoio financeiro para os cursos que ainda não alcançaram patamares de excelência.

Esse aporte é possível em função de um sistema de pisos e tetos adotado pelo Comitê Gestor do PROF na UFSC, com o objetivo de propiciar um desenvolvimento mais harmonioso do sistema de pós-graduação. "É essa autonomia com relação aos investimentos que permite à UFSC fazer um planejamento institucional e ter condições de estabelecer metas para reduzir os cursos com nota três", explica a pró-reitora. Além disso, em 2008, ano que marcou a mudança de gestão na UFSC, a área de pós-graduação passou por um diagnóstico, o que levou ao estabelecimento de metas de curto e médio prazo. Foi um momento de estabelecer prioridades. Resultado importante desse diagnóstico é o



A série histórica 2002-2008 reflete o processo de reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, impondo limites ao número de alunos matriculados e ao desenvolvimento de atividades fora da sede ou à distância. Os dados atuais revelam que o período de ajuste parece ter se completado, assim como mostra crescimento dos indicadores da pós-graduação.

Continua

Infográficos: Tiago Moritz
Bolsista de Design na Agecom

Notas dos Programas de Pós-Graduação (CAPES)

Continuação

desenvolvimento de um sistema informatizado para controle financeiro do PROF. "Hoje todos os coordenadores podem verificar constantemente seus orçamentos", exemplifica a pró-reitora Maria Lúcia. O software para atender essa demanda foi desenvolvido pelo Núcleo de Processamento de Dados (NPD) e implantado em outubro do ano passado - e viabilizou o acompanhamento da execução financeira com transparência e confiabilidade pelos programas e pela pró-reitoria.

Agora analistas do NPD também trabalham no aperfeiçoamento do programa de controle acadêmico da pós-graduação (CAPG), que permite inscrições para os processos de seleção nos diversos campos oferecidos pela UFSC. Estender as funções gratificadas a coordenadores e chefes de expediente estão também entre as metas da pró-reitoria para valorizar as funções administrativas que estão à frente da pós-graduação.

Criar doutorados junto aos cursos que só contam com mestrado, implantar programas interdisciplinares que atendam a novos perfis de formação e ampliar a internacionalização também integrando o planejamento institucional da UFSC - principal centro de pós-graduação de Santa Catarina.

Saiba Mais:

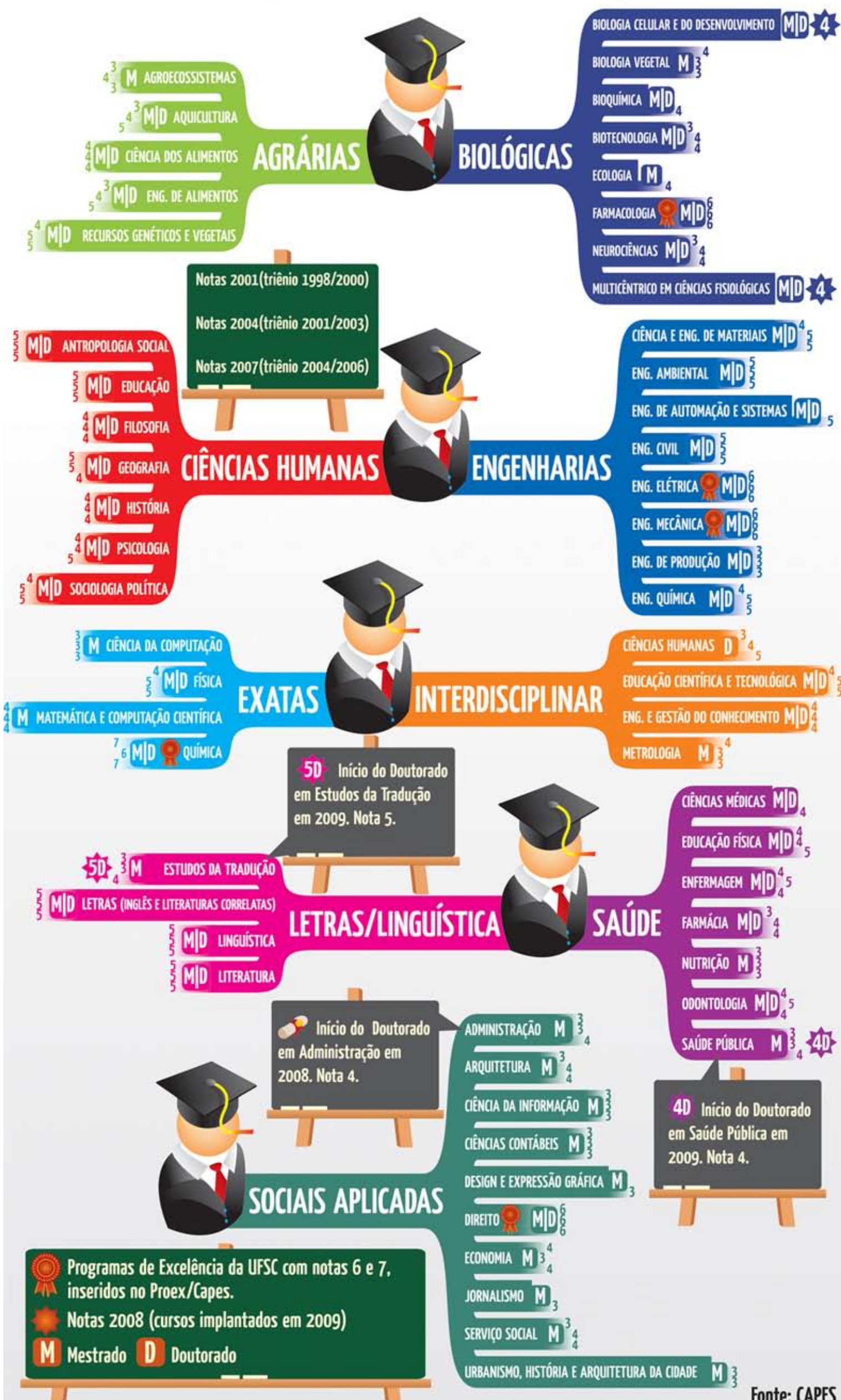
Pós-Graduação Interinstitucional

Em áreas em que está consolidada, a UFSC colabora com a implantação da pós-graduação em outras instituições e em outros estados. É o caso do doutorado em enfermagem, oferecido pela UFSC em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do programa 'Acelera Amazônia'. O doutorado interinstitucional (Dinter) tem como meta viabilizar a formação de doutores fora dos grandes centros educacionais, em instituições com maior carência de recursos humanos.

Em 2008 a UFSC ofereceu três cursos do tipo Dinter. Além da UFPA, com o CEFET-SC e associadas (Unochapecó, Unoesc e UnC), na área de Educação Científica e Tecnológica, com apoio Capes e Fapesc; em Linguística, em parceria com a UFAM. Também participou de cursos do tipo Mestrado Interinstitucional (Minter): Educação Física, com a Unoesc; Enfermagem com a Unochapecó, e de Engenharia Civil, com o Cefet/MG.

Mestrados Profissionais

Além disso, foi encerrado este ano o mestrado profissional em Engenharia Elétrica, em parceria com a WEG, e está em andamento o mestrado profissional em transporte, com o Instituto de Competências Empresariais - ICE/FIAT, em Engenharia Civil. Foi recomendado pela Capes, para início em 2009, o mestrado profissional em Farmacologia.



Fonte: CAPES

Especial Pesquisa: Portal Catarina valoriza autores locais

A iniciativa possibilita o acesso a textos e informações de grandes escritores catarinenses, como Luis Delfino e Franklin Cascaes

Por Tiago Pereira

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A UFSC está ampliando o acesso à literatura catarinense. O trabalho é realizado a partir do projeto "Autores, obras e acervos literários catarinenses em meio digital", executado pelo Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Lingüística (Nupill), ligado ao Curso de Pós-Graduação em Literatura e ao Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas, no Centro de Comunicação e Expressão.

A proposta foi a única do estado na área de Humanas aprovada pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) em 2008. Com recursos de quase R\$ 400 mil, concedidos pelo CNPq e Fapesc, a equipe realiza atividades de complementação e aprimoramento do banco de dados de História Literária e da Biblioteca Digital de Literatura (www.literaturabrasileira.ufsc.br). Atualmente, a biblioteca digital conta com mais de 500 títulos em versão integral e gratuita na internet. São obras literárias do Brasil e de Portugal, que foram digitalizadas a partir das melhores edições disponíveis. O banco de dados tem informações sobre mais de 60 mil obras e, aproximadamente, 16 mil autores cadastrados.

O Portal Catarina - Foram os recursos do Pronex que permitiram também o início do projeto *Portal Catarina*, que pretende viabilizar o acesso a obras literárias, críticas e informações sobre autores catarinenses de todas as épocas. O site é desenvolvido numa parceria entre UFSC, Univali, Univille e Academia Catarinense de Letras. Na UFSC integram a atividade três grupos: o Nú-

cleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Lingüística e o Núcleo Literatura e Memória, do Centro de Comunicação e Expressão, além do Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos, do Centro Tecnológico. O Portal será integrado ao site www.nupill.org e resultará num dicionário de autores e obras catarinenses.

"Será um grande avanço, pois teremos acesso a textos e informações de grandes escritores catarinenses, como Luis Delfino e Franklin Cascaes, que não seriam facilmente encontrados de outra forma. O portal é também uma forma de prestigiar a literatura do Estado", avalia Rodrigo Sales, membro do Nupill e um dos idealizadores da proposta.

Estudantes também valorizam a iniciativa. "Acréscimo muito, com certeza. Ter a oportunidade de conhecer melhor os autores do Estado é muito bom para a nossa formação, e também para o conhecimento da população em geral", destaca Luiza Wigger, aluna da terceira fase do Curso de Letras/Português da UFSC. "Eu, particularmente, conheço um pouco da literatura do Estado. Mas sei que não é de conhecimento geral. O portal vai colaborar também no sentido de trazer o interesse pela literatura catarinense", complementa a estudante.

O poeta catarinense Alcides Buss, que tem muitas de suas obras disponibilizadas na Biblioteca Digital no Nupill, espera que o *Portal Catarina* alcance seus objetivos. "É uma grande iniciativa. É importante ter um espaço na internet dedicado à literatura local. Eu percebi isso quando me perguntavam onde podiam encontrar meus livros e eu não sabia dizer com certeza. Hoje em dia a melhor forma de divulgar a literatura é pela internet. Espero que o projeto tenha muito sucesso", incentiva Alcides.

Avançam as ações contra a homofobia

Júlio Ettore Suriano

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Desde os anos 60, os movimentos em favor da diversidade vêm ganhando força no mundo. No Brasil, embora ainda exista um longo trabalho a ser feito para combater a homofobia, o sexismo e o racismo, o Ministério da Educação produziu importantes avanços nos últimos cinco anos. Essas e outras considerações estimulam a pesquisa "Gênero e diversidade na escola: análise das políticas de combate à homofobia no Ministério da Educação (2004-2008)", que está sendo desenvolvida por Felipe Martins, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

O foco do trabalho é um dos maiores sinais desse avanço, segundo o autor. O programa Gênero e Diversidade na Escola (GDE), executado pelo MEC desde 2006, capacita professores de 5ª a 8ª séries para tratarem nas salas de aula a diversidade sexual, além de raça e gênero, nas escolas da rede pública de ensino. Mas, para a sua criação, foram necessários acontecimentos e esforços políticos e institucionais, analisados com calma por Felipe e sua orientadora, a professora Miriam Grossi, do Departamento de Antropologia da UFSC.

Segundo o autor, tudo começa com uma "ruptura" - seja ela boa ou má - na condução do país depois da eleição presidencial de 2003. Movimentos sociais da chamada "política de identidade" - onde incluem-se negros, mulheres e os grupos GLBT -, envolvidos na fundação do Partido dos Trabalhadores, na década de 80, pressionaram o governo para a criação de políticas de apoio à diversidade. Assim, foi lançado, em maio de 2004, o programa Brasil sem Homofobia, com o objetivo de fortalecer a cidadania e os direitos da população GLBT. Felipe garante, porém, que os méritos não são apenas do governo Lula. "São atos de gestão, mas contaram com ações desenvolvidas anteriormente", destaca.

Dois meses depois, o MEC criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), que tem como uma das atribuições pensar políticas públicas para a diversidade na educação. Essas políticas, como a promoção de encontros e elaboração de material didático sobre o assunto, foram identificadas por Felipe e separadas em cinco grupos. Um deles é a formação de professores, onde se inclui o programa Gênero e Diversidade na Escola.

A meta é sensibilizar professores para enfrentar temas difíceis, como a diversidade cultural que encontram na sala de aula, ou o que os alunos trazem ao cotidiano da escola. Em linhas gerais, esse é o objetivo do GDE, que foi realizado como teste em março de 2006 pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com o MEC e outras instituições. Foram capacitados 865 professores, oriundos de cinco estados (RJ, MG, MS, PR, RO), em 200 horas, sendo 170 delas na modalidade a distância.

Como sucesso da versão piloto, o GDE foi encampado pelo Governo Federal e lançado em maio do mesmo ano. Hoje o programa está maior em números, tanto de estados atendidos quanto de professores matriculados. Só em Santa Catarina, uma parceria entre a Secretaria de Educação a Distância da UFSC e o MEC atende a cerca de 500 participantes distribuídos em dez municípios. A duração também aumentou para quatro meses. "O GDE é importante porque dá acesso a um campo de estudo além do senso comum para desconstruir formas de discriminação", completa Felipe, que é biólogo e mestre em educação.

A previsão é de que a tese seja concluída em 2011. O estudo conta também com a orientação da professora Joana Maria Pedro, do Departamento de História da UFSC.

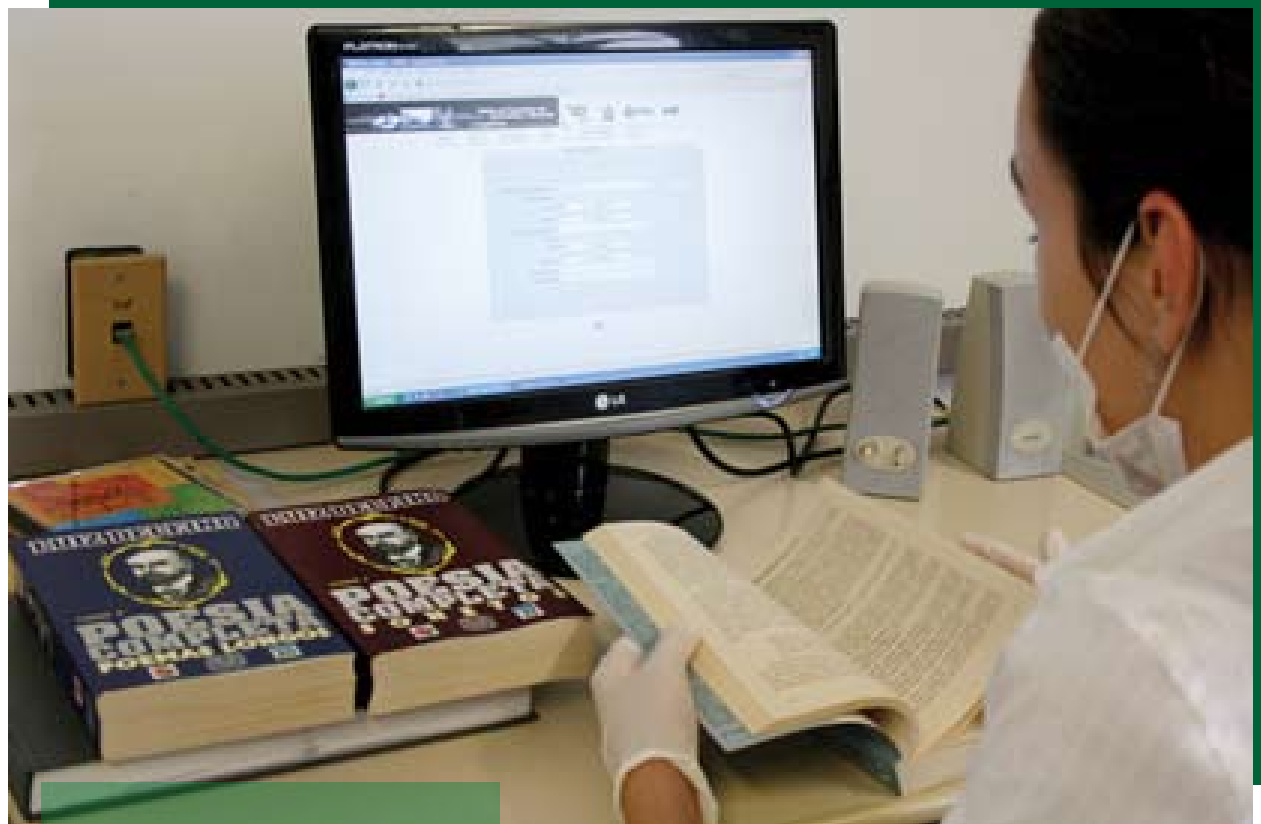


Foto: Paulo Noronha/ Agecom

A biblioteca digital conta com mais de 500 títulos em versão integral e gratuita na internet. O banco de dados tem informações sobre mais de 60 mil obras e, aproximadamente, 16 mil autores cadastrados

A literatura catarinense na história do Brasil

Quando se fala em literatura catarinense, um nome logo vem à cabeça: João da Cruz e Sousa. Nascido em 24 de novembro de 1861 na cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, Cruz e Sousa foi um dos precursores do simbolismo no Brasil, no século XIX. Por ser negro, foi por diversas vezes vítima de preconceito racial e tratou do tema em grande parte de sua obra. Seus textos também eram marcados por características do Romantismo, como o pessimismo e a angústia. O apelo para a formalidade da língua e o uso de vocábulos refinados também estavam sempre presentes nas obras do autor.

Cruz e Sousa morreu em 19 de março de 1898, aos 36 anos de idade, na cidade mineira de Sítio, vítima de tuberculose. Suas únicas obras publicadas em vida foram *Missal e Broquéis*. O catarinense é até hoje o grande ícone do Simbolismo no País e um dos maiores nomes da literatura brasileira no mundo.

Quando não basta apenas ouvir

Insatisfeito com um atendimento ou serviço? Cheio de ideias para melhorar o campus? Procure a Ouvidoria para agilizar a solução do problema ou apresente sua sugestão para uma universidade melhor

Mara Cloraci
Jornalista na Agecom

Através das opiniões, críticas e sugestões expressas pelos usuários, uma organização se aprimora. A UFSC, uma instituição que zela pela excelência nas áreas em que atua, ensino, pesquisa e extensão, não poderia ignorar a regra. Por isso implantou, no ano de 1996, um setor voltado a apoiar o cidadão na relação estabelecida com a UFSC, com competência para esclarecer dúvidas, encaminhar as críticas, as queixas e as propostas dos servidores, estudantes e da comunidade em geral: a Ouvidoria.

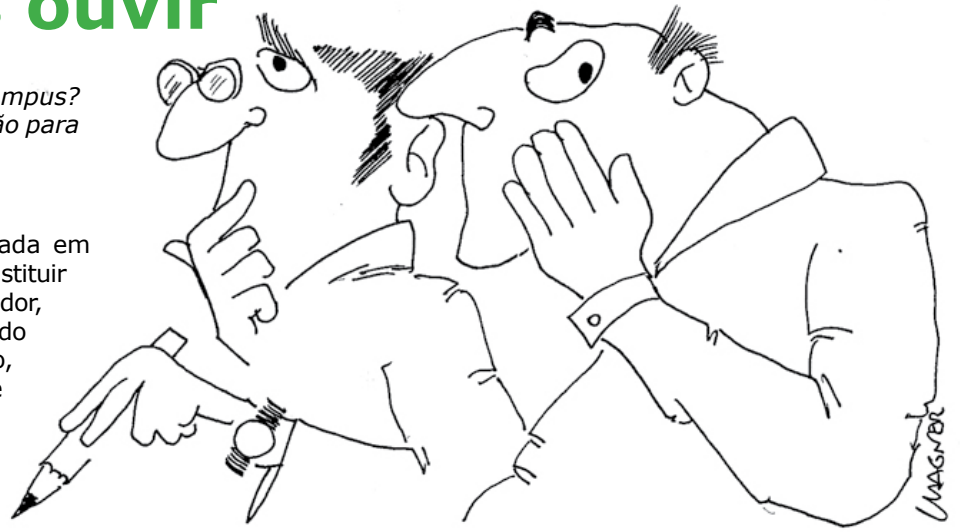
No ano em que o setor completa treze anos de atividades, um balanço permite observar conquistas importantes. Dois bons exemplos são a implantação da maternidade do Hospital Universitário e o aquecimento da água da piscina olímpica, obras executadas em atendimento a pedidos da comunidade. De acordo com o ouvidor da UFSC, Arnaldo Podestá, "a Ouvidoria veio preencher a lacuna que havia e constitui-se em um canal institucional, reconhecido pela administração que a criou e pela comunidade, como espaço democrático, de respeito e respeitado, que presta um serviço para a Instituição, tornando-a mais cidadã, à medida que seus componentes exercem melhor sua cidadania".

Diversas universidades públicas do País buscam referências no modelo de Ouvidoria da UFSC ao implantar em seu campus este tipo de serviço. Uma posição de destaque que não se deve ao acaso, afinal foram 12 anos de discussão desde o surgimento da idéia até o início das atividades, e já se passam outros 12 anos de atuação. Desde sua implantação o setor foi responsável pela abertura de mais de 3.400 processos, sobre os mais variados assuntos. Valores que não representam o número total de atendimentos, pois uma grande

demanda não é quantificada em função de não chegar a constituir processo. Conforme o ouvidor, às vezes o setor é procurado até como um profissional, atendendo problemas com e entre as pessoas. Podestá comenta que muitos declaram "vim aqui só para desabafar, pois não sei aonde alguém me ouviria sobre este assunto". São peculiaridades da função de ouvidor, cuja expressão máxima é ser representante da comunidade na instituição, conduzido ao cargo pela direção com o dever de atender a comunidade.

A ideia de implantação da Ouvidoria na UFSC surgiu em 1984, por iniciativa do Reitor Joaquim Pinto da Luz. Foi levada ao Conselho Universitário (CUUn) e, após a discussão, como o Conselho não se sentiu suficientemente esclarecido, o processo foi arquivado. Em 1994 o tema voltou a ser discutido pelo CUUn, desta vez proposto pelos estudantes, mas acabou não sendo votada. Finalmente, em 1996, o volumoso material produzido durante estes debates serviu de embasamento para a implantação do setor. Desde a sua criação a Ouvidoria já foi dirigida pela professora Sidneya Gaspar de Oliveira, no período de 28 de maio de 1996 até 26 de julho de 2000, pelo Professor José Carlos Fiad Padilha, no período de 27 de julho de 2000 até 12 de junho de 2001, pelo professor Raimundo Nonato de Oliveira Lima, no período de 13 de junho de 2001 até 1º de julho de 2004. E a partir de 2 de julho de 2004, pelo servidor técnico-administrativo Arnaldo Podestá Jr.

Na UFSC, a Ouvidoria, além de atuar como mediadora entre pessoas, agrega também o serviço de um



O setor é procurado até como um profissional: tem quem apareça só para desabafar

Balcão de Informações destinado a atender pedidos de informações sobre eventos e palestras, bem como localizar pessoas ou setores e outras dúvidas referentes à Instituição. Tanto o balcão quanto a Ouvidoria funcionam no andar térreo do Prédio da Reitoria, de 2ª a 6ª-feira. Para estabelecer contato com a Ouvidoria o interessado pode optar pelo uso do telefone (48) 3721-9955, do fax 3721-9711, por carta: Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476 CEP 88010-970 - Florianópolis - Santa Catarina, pelo e-mail falecom@ouvidoria.ufsc.br, ou diretamente com o Ouvidor durante o horário comercial. Para maior facilidade de acesso há também caixas de coleta (amarelinhas) destinadas a receber solicitações. Elas estão espalhadas pelo Campus, uma em cada Centro de Ensino, e ainda, no Hospital Universitário, no Restaurante Universitário, no Centro de Convivência, na Reitoria, na Biblioteca Universitária, no Laboratório de Informática e na Odontologia. Quanto ao Balcão de Informações, o atendimento é feito diretamente ou pelo telefone 3721-9878, das 8h às 19h.

Foto: Jones Bastos/ Agecom



Nascido para curar

Artemio R. Souza
Jornalista na Agecom

Benjamin Franklin disse certa vez que "a verdadeira sabedoria consiste em saber como aumentar o bem-estar do mundo", frase que, certamente, poderia definir bem o caráter e a maneira de enfrentar a vida do professor Polydoro Ernani de São Thiago, um médico das antigas que em 22 de junho deste ano completaria 100 anos.

Nascido em São Francisco do Sul no ano de 1909, onde cresceu jogando pião e bilboquê, trocando figurinhas e tomando banhos de mar, Polydoro, médico formado na Universidade do Brasil, veio para Florianópolis em 1935. Professor fundador dos cursos de Farmácia e Odontologia e de Medicina da UFSC, presidiu a comissão de construção do Hospital Universitário que hoje leva o seu nome. Em uma entrevista ao *Jornal Universitário* de outubro de 1997, disse que "atualmente o paciente é um número, não tem identidade. O médico nem olha para ele, pede exames e só depois de 15 dias retorna. É um sofrimento".

Autor de inúmeros artigos científicos apresentados em congressos e publicados em revistas especializadas, escreveu vários livros sobre São Francisco e a história da Medicina que praticou, entre eles *A Medicina que Aprendi, Exerci e Ensinei* (1996) e *A Medicina e suas Transições através dos Séculos*, publicados pela Editora da UFSC, *Rascunhos e Ensaios* (1997), *Da Pajelância à Medicina Contemporânea* (1998) e *Caboclo, Primo Pobre e Doutor* (1998). Membro da Academia Catarinense de Letras e de outras instituições culturais, Polydoro São Thiago faleceu em Florianópolis, em 1999.

Duas das obras de Polydoro; para ele, o paciente não deveria ser um número



Prata é pedreiro em Curitibanos

Com vestibular agendado e o pré-moldado das instalações já erguido, a Universidade de Curitibanos não é mais um sonho

Fotos: Paulo Noronha/ Agecom



Cerimônia simbólica de colocação do primeiro tijolo e a obra do novo campus: previsão é que o prédio seja entregue em dezembro



Mara Paiva
Jornalista na Agecom

“Todo o Planalto Serrano está inserido neste projeto de conhecimento representado pela instalação do campus”, disse o prefeito de Curitibanos, Wanderlei Agustini, durante a cerimônia simbólica de colocação do primeiro tijolo pelo Alvaro Prata nas instalações da UFSC de Curitibanos e a nomeação de Olávio Geverh como diretor administrativo daquele campus.

O evento reuniu membros das administrações municipal e estadual, da Câmara de Vereadores local, a senadora da República Ideli Salvatti, o deputado federal Cláudio Vignatti, membros da Polícia Militar e da sociedade local, o reitor Alvaro Prata, o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva, o pró-reitor de Infraestrutura João Batista Furtuoso e uma comitiva de autoridades da UFSC.

Devido ao frio e à chuva, a cerimônia, que estava agendada para acontecer no local do novo campus, foi transferida para o Pinheiro Tênis Clube, na região Central de Curitibanos. Na sequência, aconteceu a visita às instalações da UFSC, no campo da Roça de Cima, estrada intermunicipal que liga o município a São Cristóvão do Sul. O pré-moldado está concluído e, de acordo com as expectativas do reitor Alvaro Prata, até dezembro a obra deverá ser entregue. Enquanto aguardam a conclusão dos serviços, os candidatos que forem aprovados para preencher as 280 vagas oferecidas neste primeiro momento usarão as instalações da Universidade do Contestado – UnC, que cedeu cinco

salas e o espaço de convivência.

O entusiasmo do povo de Curitibanos em abrigar uma universidade federal viabilizou também a aquisição de um outro terreno, próximo ao campus, onde irá funcionar o Centro de Pesquisa e Extensão. Conquistas que levaram o reitor Alvaro Prata a direcionar os olhos para o futuro e comentar: “Daqui a dez anos voltaremos a Curitibanos e será impossível imaginar que um dia ela inexistiu”.

O secretário de Desenvolvimento Regional do Estado de Santa Catarina, Nilson Berlanda, compareceu como representante do governador Luíz Henrique. A população local cobrou de Berlanda a construção da estrada de acesso ao campus, que ainda não é pavimentada. Após alegar dificuldades financeiras do Estado frente ao alto custo da obra, sugeriu sua realização por etapas e acenou com a possibilidade de construção de pelo menos uma pista. Apesar da cobrança, Berlanda não perdeu o entusiasmo e declarou para o reitor da UFSC: “Você não é mais Prata, é ouro depois dessa ação em Curitibanos”.

A comitiva da UFSC aproveitou a visita ao município para conhecer o Colégio Estadual Casimiro de Abreu, onde o Pré-Vestibular da UFSC (Prepesufsc) oferece formação preparatória ao vestibular para os curitibanenses. Coordenado por Jennifer Benthien, o curso funciona desde 2007 nos períodos vespertino e noturno. São 300 vagas gratuitas.

A sequência de contatos na região terminou com a ida do reitor e do pró-reitor de Infraestrutura da UFSC à Universidade do Contestado para saudar os parceiros dessa fase de expansão da Universidade.

Alimentação orgânica = \$aúde

V Semana Nacional do Alimento Orgânico debateu vantagens desses alimentos e sugeriu sua utilização em escolas e hospitais públicos

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

A produção de orgânicos aumenta quase 30% ao ano no Brasil, o que demonstra a conscientização crescente da população acerca das vantagens de consumir alimentos sem agrotóxicos. No conjunto da produção agrícola, a participação desse segmento é pequena, mas já são 900 mil hectares cultivados, movimentando US\$ 700 milhões ao ano, pelos dados da safra 2006/2007. Em Santa Catarina, existem 1.800 famílias vivendo dessa atividade (usando uma área de 10 mil hectares) e 60 entidades que agregam os produtores orgânicos. Como se diz nesse meio, a valorização do produto livre de substâncias químicas deve ser uma consequência da transformação do consumidor.

Foi para esclarecer os usuários e o mercado sobre as características e vantagens desses produtos que ocorreu, em maio, a V Semana Nacional do Alimento Orgânico. A programação de abertura foi desenvolvida no auditório da Reitoria da UFSC, com mesas redondas que discutiram – com a participação de agricultores, especialistas, profissionais da saúde e um representante da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Agrego)

– a produção de orgânicos, seus benefícios para a saúde e o meio ambiente e os aspectos econômicos e sociais relacionados à atividade. Em diferentes regiões do Estado, houve exposições de produtos, distribuição de cartilhas, promoções em supermercados e encontros envolvendo ONGs, produtores, entidades comerciais, certificadores e supermercadistas que revendem alimentos orgânicos.

De acordo com Eduardo A. R. Amaral, da Superintendência do Ministério da Agricultura em Santa Catarina, um dos apoiadores da Semana, o que se busca é o desenvolvimento do mercado para os produtos orgânicos, a conscientização sobre o consumo responsável e o esclarecimento acerca das diferenças do cultivo orgânico em relação aos modelos transgênico e hidropônico. “Envolvemos supermercados, imprensa e escolas, onde foram distribuídas cartilhas informativas, para obter os melhores resultados possíveis”, diz ele. Outra meta é aumentar a presença dos orgânicos na merenda escolar e na comida servida em hospitais públicos. Quatro ministérios, o Sebrae e as ONGs Planeta Orgânico e WWF também participaram da Semana, e uma exposição de produtos orgânicos mostrou ao público as peculiaridades desse tipo de atividade.

A programação teve ainda o lançamento dos livros *Agroecologia: a semente da sustentabilidade* e *Cultive uma horta e um pomar orgânicos: sementes e mudas para preservar a biodiversidade*. O economista Paulo Zoldan, da Epagri,

uma das organizadoras da Semana, atribui à valorização crescente da saúde e à preocupação com as questões ambientais o aumento da demanda por alimentos sem agrotóxicos e com manejo sustentável. A agricultura orgânica é praticada em 120 países, representando 31 milhões de hectares de áreas agrícolas e de pastoreio certificadas e 62 milhões de hectares de áreas extrativas. Essa cadeia produtiva movimentou US\$ 40 bilhões em 2006. Na Áustria e na Suíça, de 10% a 12% dos alimentos consumidos já têm como base a produção orgânica.

Dados do setor – Pela legislação brasileira, produto orgânico é aquele obtido sem o uso de agrotóxicos, antibióticos, hormônios e demais insumos químicos, respeitando o meio ambiente e priorizando o bem-estar social e das pessoas, além de minimizar a dependência de fontes não-renováveis de energia, como os derivados de petróleo.

Em Santa Catarina há feiras e pontos de venda de produtos orgânicos em Florianópolis, Blumenau, Lages, Tubarão, Chapecó, Videira, Caçador e Campos Novos. O Estado já é o terceiro produtor nacional, comercializando 60 mil toneladas de produtos livres de agrotóxicos por ano. E 130 escolas, onde estudam 95 mil crianças, servem alimentação orgânica pelo menos duas vezes por semana.

Além de preservar a própria saúde, quem consome produtos orgânicos protege a qualidade da água e dos lençóis freáticos, ajuda a manter os pequenos

agricultores, restaura a biodiversidade, reduz o aquecimento global e o consumo de energia.

A produção orgânica evoluiu substancialmente nos últimos anos e hoje se submete e rigorosos critérios de qualidade, tanto que entidades certificadoras estiveram presentes na Semana Nacional do Alimento Orgânico. Além de legumes e hortaliças, o conceito do orgânico chegou, por exemplo, ao cultivo do algodão e ao manejo do pinhão. No primeiro caso, já há demanda por roupas de fibras orgânicas, demonstrando um cuidado crescente com o meio ambiente. No segundo, o controle se dá pela preservação da área explorada. E há a presença de matéria-prima orgânica também em frutas (uva, amora, goiaba, laranja, maçã) e em cosméticos, produtos fitoterápicos e no mercado de grãos. No bairro do Campeche, em Florianópolis, existe uma padaria que utiliza apenas farinha produzida a partir do processo orgânico de plantio do trigo.

Mais informações com o economista Paulo Zoldan, da Epagri, fones (48) 3239-3940 e 9616-0447 e e-mail zoldan@epagri.sc.gov.br; e engenheiro agrônomo Paulo Sergio Tagliari, também da Epagri, pelo fone 3239-3940 e e-mail ptagliari@epagri.sc.gov.br; e com Eduardo Amaral, do Ministério da Agricultura, pelo fone 3261-9967 e e-mail eduardo.amaral@agricultura.gov.br.

Fotos: sxc.hu



Ombudsman

Na trilha de algumas memórias

Só o fato de existir uma coluna que permite a crítica ao sistema e ao próprio trabalho que se realiza, como a *ombudsman* do *Jornal Universitário* da UFSC, já angaria as minhas bênçãos. De uma maneira geral os jornais universitários me emocionam, porque a minha atividade jornalística começou no exercício da escrita para um desses pasquins nos idos de 1979 na FURB, em Blumenau, quando fazíamos o *Jornal Acadêmico*, de saudosa memória que acabou apoiando um programa radiofônico na *Rádio Blumenau* e posteriormente o programa *Universidêias* na *TV Coligadas*, atual *RBS TV Blumenau*.

Naquela época, éramos ferozes críticos do sistema acadêmico, da monotonia e linearidade das aulas que nossos professores lecionavam na boa intenção de transmitir-nos conhecimentos. Na época, idos dos anos 80, fim da ditadura e comecinho da redemocratização no País, parecíamos jovens revolucionários em busca de uma causa.

E muitas vezes, quando hoje vejo tudo certinho, tudo aparentemente nos conformes, sinto uma certa saudade dessa época em que se questionavam mais as coisas. Em que pagávamos um preço muito alto por falar dessas coisas e que para alguns os reflexos são sofridos até nos dias de hoje, 30 anos depois. Foi a época das ideias.

Hoje é o mercado de trabalho que manda. Definitivamente os tempos são outros e os jovens mais lúcidos já nascem sabendo que não vão mudar muito das coisas que os "velhos" criaram e também não estão muito preocupados com o sacrifício que alguns desses "velhos" fizeram para lhes garantir o pequeno legado de liberdade.

Hoje os jovens estudantes desfilam pelos campi com seus *laptops*, *pendrives*, *ipods*, *ifones* e estão muito mais preocupados com o mercado de trabalho e suas possibilidades de absorção. Falo obviamente dos que ainda possuem um resquício de família, uma possibilidade de educação ou pais preocupados em



lhes dar um encaminhamento. Nem vou entrar no mérito da questão daqueles que estão nascendo, crescendo, amadurecendo, envelhecendo e morrendo e que nunca terão a possibilidade de saber o que é uma nova tecnologia e muito menos interagir com ela.

Por isso me emocionaram as matérias da Cláudia Schaub Reis no *Jornal Universitário* de março desse ano, número 398, quando conta a história dos estudantes de Angola e Moçambique no campus da UFSC, ou a última matéria do número 400 do Paulo Rocha Azevedo em sua meta de divulgar a bicicleta como um meio de locomoção ecológico. Realidades como essas precisam ser conhecidas e divulgadas.

Complementando, diria que um jornal universitário tem a obrigação de abrir espaços não somente para os jovens jornalistas que a universidade está gestando, mas a todos os jovens de todos os cursos que tiverem uma ideia e que buscam uma maneira de divulgá-la. As instituições públicas ou privadas deveriam também assumir a responsabilidade desse encaminhamento ou pelo menos de oferecer esta possibilidade. É o dever de casa delas.

Maria Odete Onório Olsen

Graduada em Ciências Sociais pela UFSC, trabalha há 30 anos no jornalismo televisivo de Santa Catarina. Apresenta e produz atualmente o programa *Educação e Cidadania* na *TVBV/ BAND*

Procura estética e literária na medida certa

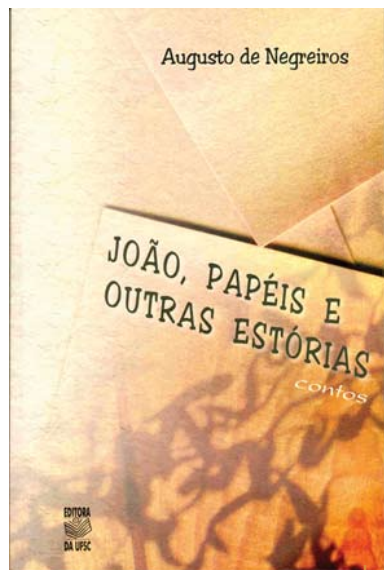
Artemio Reinaldo de Souza

Jornalista na Agecom

João, Papéis e outras histórias – contos, de Augusto de Negreiros, publicado pela Editora da UFSC, é uma obra em que, segundo a professora Tânia Regina de Oliveira Ramos, da UFSC, todas as narrativas revelam, na medida certa, uma procura estética e literária. "Não haverá um leitor e uma leitora que esquecerão as imagens narrativas, as cenas, os enredos, os personagens, as formas romanescas que transitam em cada página, em cada nome próprio, nos lugares que constroem o mapa e as tramas".

Augusto de Negreiros, sétimo filho de uma família de nove irmãos, nasceu em agosto de 1962 em São Lourenço, sul de Minas Gerais, onde viveu até os 20 anos. De 1982 até 1986 dedicou-se aos estudos teológicos, sendo o primeiro desses anos no Instituto Bíblico Eduardo Lane, na também mineira Patrocínio. Formou-se pastor no Seminário Presbiteriano do Sum em Campinas (SP), e exerceu a função pastoral em Florianópolis de 87 a 89. Os primeiros contos dessa coletânea surgiram em 2003, mas o gosto pela literatura já vem de longe, hábito influenciado pelo pai.

Mais informações na Editora da UFSC pelos fones 3721-9408, 3721-9605 ou 9945-8320, cdenegreiros@gmail.com.



. João, Papéis e outras histórias – contos
. Augusto de Negreiros
. Editora da UFSC
. 106 p., 20,00



Foto: Divulgação

Trinta anos em cinco dias - Romilda de Assis (foto), trabalhadora na Agecom, estava entre os 40 participantes (a maioria mulheres com idade superior a 30 anos) que receberam certificado de conclusão do curso "Como Deixar de Fumar em Cinco Dias", coordenado pelos professores da Universidade Federal de Santa Catarina Joel de Souza e Lumar Bértoli, realizado de 1º a 5 de junho no Centro de Ciências Jurídicas.

Grande parte era tabagista há mais de cinco anos, com várias tentativas de abandonar o vício, mas sem sucesso. Segundo Romilda, o cigarro fazia parte da sua vida há cerca de 30 anos, com 60 unidades por dia.

Ela foi elogiada pelo professor Joel de Souza pelo fato de ter conseguido abandonar também a ingestão de bebidas alcoólicas. Na opinião de Souza, trata-se de um esforço muito grande, que mereceu os elogios de todos. Romilda disse que "agora é vida nova" e que pretende incentivar os colegas a tomarem a mesma decisão.

Fumo, logo morro!

Em parceria com o Departamento de Medicina Preventiva da Unimed da Grande Florianópolis, a UFSC implantou o Programa Universidade Saudável. A prioridade, no primeiro momento, foi alertar sobre os perigos do fumo. A iniciativa contou com o engajamento da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social e da Coordenadoria de Prevenção ao Uso Abusivo de Drogas da UFSC. É uma campanha que não deve parar. Ao longo do ano prevê, entre outras ações, palestras e debates.

Respire aliviado.
A UFSC tem Programa Universidade Saudável.

01/06
10 às 15h

Praca da Cidadania

Buscando sempre melhor qualidade de vida aos servidores e seus familiares, a Pró-reitoria de Desenvolvimento Humano e Social - PRDHS, em parceria com a Coordenadoria de Prevenção ao Uso Abusivo de Drogas, UFSC e a Unimed Grande Florianópolis, estará realizando diversas ações de Medicina Preventiva e Promoção à Saúde durante este ano. A primeira ação será realizada dia 1º de junho, das 10 às 15h, com foco no controle do tabagismo. Para você que é fumante e deseja parar, nós podemos ajudá-lo. Se você não é fumante, mas se preocupa com a saúde e gostaria de orientações diversas, também podemos ajudá-lo.

JU dos leitores

"É gratificante ver - e receber - a 400ª edição do *JU*. Parabéns a você e equipe. O *JU* faz a sua parte nos 33 anos de existência: conteúdo e visual gráfico estão muito bons. O diretor da *Empreendedor*, Acari Amorim, também viu e gostou".

Geraldo Nilson de Azevedo
- Diretor de Comercialização e Marketing da Editora Empreendedor

"Mais uma vez queremos externar nossos agradecimentos e cumprimentar pelo excelente trabalho de divulgação das nossas atividades de extensão, cuja procura por instituições do Estado de Santa Catarina e outros Estados têm levado o bom nome da UFSC e do nosso trabalho a todo território brasileiro.

Gostaríamos de parabenizar a equipe da Agecom, que mostra estar trabalhando duro, sério e com profissionalismo". **Prof. Wilson Pacheco**
- Diretor do NAT - SAÚDE/UFSC

A história bela

Fotos: Nilson Só/ DAC



O Teatrinho é utilizado para apresentações de grupos da comunidade, realização de cursos e oficinas, além de servir como abrigo para mostras e festivais



Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Num tempo em que o Teatro Álvaro de Carvalho era o desaguadouro de todas as manifestações cênicas de Florianópolis, a Universidade Federal de Santa Catarina teve a sensibilidade de criar uma casa de espetáculos alternativa, que funcionasse como válvula de escape para grupos sem espaço na cidade. Assim, surgiu o Teatro da UFSC, carinhosamente batizado de Teatrinho, que completa 30 anos em 2009. Uma programação especial, que vai até dezembro, foi criada para comemorar a data, com peças, leituras dramáticas, oficinas e espetáculos de dança – sempre com entrada franca.

Falando da importância da casa, a diretora de teatro Carmen Fossari diz que “o fato de ser um espaço quase franciscano não impediu [o Teatrinho] de ter sido, e ser, um celeiro de novos artistas e de ter uma contribuição indelével ao fazer teatral de forma mais moderna e despojada”. O local é muito utilizado para apresentações de grupos da comunidade, especialmente o Pesquisa Teatro Novo, a Oficina de Teatro para Adolescentes e O’Gia. Ali, também, são ministrados cursos e oficinas e ocorrem eventos como a Mostra de Teatro-Educação e o Festival Internacional de Teatro de Animação de Florianópolis.

A história do Teatro da UFSC começou quando a instituição passou a administrar a antiga igreja matriz do bairro Trindade, onde fica a Universidade. Inicialmente destinado à música, o espaço, inaugurado em 1978, foi o pólo de um conjunto que incluía também o velho salão paroquial, igualmente recuperado. Foi quando Carmen Fossari e sua equipe

entraram em ação, tentando transformar o prédio em ruínas num espaço cênico fora do centro da Capital que abrigasse as produções experimentais do grupo Pesquisa Teatro Novo e de outras pequenas companhias com atuação permanente na cidade.

O teatro foi entregue em maio de 1979, após um esforço que envolveu o grupo de Carmen, a Universidade e o Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen). A partir daí, encontros, festivais, mostras de teatro-educação, oficinas, apresentações de grupos de países da América Latina, espetáculos de teatro de bonecos, luzes e sombras, sem falar nos clássicos e em autores catarinenses, tiveram o Teatrinho como palco.

Essa vocação para a arte, contudo, não surgiu do acaso. Pesquisa feita junto a antigos moradores do bairro comprova que, além de ser local de reuniões e eventos religiosos, o salão paroquial já havia sido usado para a apresentação de peças teatrais – os “dramas”, como eram chamados, especialmente por iniciativa de grupos de jovens da comunidade. Também houve época em que o cinema ganhou espaço no salão, projetando filmes em preto e branco e abrigando a platéia em bancos de madeira.

Hoje, o Teatro da UFSC comporta 108 lugares e equipamentos cênicos próprios e de boa qualidade. As reformas estruturais dos anos 80 e 90, as benfeitorias realizadas a partir de 2005 (instalação de novas poltronas, pintura interna, troca do carpet e do piso dos camarins) e as novas bancadas com espelhos, refletores e cortinas colocados em 2008 deram à casa todas as condições de receber espetáculos e continuar contribuindo para a formação de artistas e de plateias para as artes cênicas.

do Teatrinho

Fotos: Nilson Só/DAC